

AS CONTRIBUIÇÕES DO SUJEITO PESQUISADOR NAS AULAS DE LEITURA: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS ATRAVÉS DAS IMAGENS

Ângela M^a Leite Aires (UEPB)

(angelamaryleite@gmail.com)

Luciana Fernandes Nery (UEPB)

(lucianafernandesnery@yahoo.com.br)

INTRODUÇÃO

De acordo com alguns estudiosos como Coracini (2002), Carmagnani (2002), seja o texto verbal ou não, o aluno já apresenta uma aversão só em saber que tais textos exigirão a leitura. Defendemos então, um ensino que vise condições para que a leitura possa ser estimulada e incentivada aos alunos, possibilitando-os que em sua prática escolar possam ler criticamente.

Esta percepção que tivemos da sala de aula se deu através de intervenções em turmas do 7º ano, numa escola estadual situada no Município de Monteiro-PB. Diante das nossas intervenções em sala de aula, elaboramos e executamos sequências didáticas baseadas em alguns gêneros textuais como Anúncio Publicitário. Para realizá-lo, tomamos como base as contribuições da Análise do Discurso (AD) de linha francesa como suporte teórico para a análise do desempenho dos alunos em relação à leitura na sala de aula.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar a partir das discussões diante do trabalho com a leitura com base na discursividade apontado pelas aulas ministradas na turma do 7º ano do ensino fundamental. Esperamos que as discussões realizadas no decorrer deste trabalho possibilitem mudanças nas práticas em sala de aula, fazendo com que os discentes sejam capazes de atribuir significados de acordo com seu contexto social e não apenas reproduzir as vontades de verdades que lhes são apresentadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No âmbito da evolução do significado do que seja leitura, Coracini (2010) relata diferentes concepções: a estruturalista, a psicolinguística, a interacionista e a discursiva, concepção esta foco do nosso trabalho. Dentre essas perspectivas, percebemos que o processo discursivo é que está em ênfase, pois apresenta conceitos que fazem parte da pós-modernidade caracterizando o sujeito como

heterogêneo, complexo, ausente de identidade fixa, como também aquele que se apropria de outros discursos para formar o seu, tornando-se crítico no seu meio social. A leitura numa perspectiva discursiva vê o sujeito como produtor de sentidos a partir da sua posição social, histórica e ideológica, apoiando-se na materialidade linguística e nas condições de produção, estabelecendo assim entidos para o que lê.

Fernandes (2007) nos diz que esta teoria procura ir além do texto, levando em consideração fatores exteriores à língua possibilitando ler de acordo com o social, não apenas se prendendo a termos linguísticos, pois o discurso não é a língua propriamente dita, mas se apropria dela para se materializar. Dessa forma, podemos ver que o discurso implica uma exterioridade à língua, envolvendo assim questões de natureza não estritamente linguística, mas também referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas.

Então, ler é um processo constituído de etapas que exige “trabalho” de vê, analisar um texto fazendo referência a outro. Na Análise do Discurso (AD), o sujeito atribui sentidos aos textos, tornando-se crítico, capaz de ler refletindo e se posicionado sobre as condições de produção que levaram aquele texto a circular em determinados ambientes e em outros não. A prática de leitura numa perspectiva discursiva passa a observar não só o que está explícito no texto, mas olhar para as entrelinhas, conforme menciona Orlandi (2008, p.22) “o objeto teórico é o discurso e o objeto empírico (analítico) é o texto” é nesta análise empírica que há a reflexão sobre o que levou aquele texto ser produzido naquela esfera social.

CONTRUINDO SENTIDOS...

O texto produz sentido quando buscamos realizar um trabalho que possibilitasse aos alunos uma visão de leitura além do que estava explícito linguisticamente. Ao adotar a leitura numa perspectiva discursiva, percebemos que construída “por sujeitos situados historicamente, que ocupam um lugar e que produzem sentido a partir desse lugar que ocupam.”(CORACINI,2010, p. 94)

Diante disso, o aluno enquanto sujeito-leitor vai desvelando discursos, interpretando de acordo com as ideologias presentes em seu contexto social. Dessa forma, buscamos fazer com que os alunos expressassem suas leituras, sem

interditar seus dizeres. É proveitoso o trabalho com esse gênero porque as imagens veiculadas na publicidade chamam atenção do interlocutor através do jogo discursivo presente. Sendo assim, os efeitos de sentidos surgem a partir do jogo de imagens atribuídos, da relação entre o dito e o não-dito. Vejamos um dos anúncios apresentados:

Figura 01:



Fonte: <http://publicidade.blogspot.com.br>

Na discussão durante a leitura do texto acima, a atenção dos alunos foi para a figura feminina no centro do anúncio. No entanto, a insegurança dos alunos no que deve ou não falar prevalecia na aula. Esses alunos, segundo Foucault (2009), permanecem na “ordem do discurso”, então não arriscam falar para não serem contrariados. A insegurança por parte dos alunos com o “medo” de errar faz com que silenciem diante dos questionamentos feitos. Isso prova a relação de poder que permanece nas aulas de leitura entre o professor e aluno, tanto que é necessário um incentivo para que os discentes falem. Como vimos no trecho acima, mesmo sendo algo comum em seu dia-dia, para responder uma pergunta, os alunos mantêm resistência diante do que o professor vai falar. Pensando assim, buscamos fazer com que os discentes percebessem os sentidos que podem ser produzidos além do que está dito. Vejamos o trecho:

P: PORque essa mulhere estão ai?... e porque logo mulHER nas imagens de bebidas?

A1: porque ela são boniTA... ((risos))

P: só isso...?

A3: oh professora...sei não...acho que tão chamando... a mulher de boa... e a cerveja também, é isso?... sei não... a senhora faz cada pergunta...((risos))

P: então...você esta dizendo que o nome BOA...está em referência a mulher e a cerveja?

A2: :::[[é sim...porque a cerveja é boa e... essas mulher também. ((risos))

P: e o que mais vocês VEEM ai...?

A2: () comparando a mulher e a cerveja é?... sei não professora...

P: está certo o que VOCÊ disse...é EXAtamente isso...estão comparando a cerveja com uma mulher... ta BOM? E a que PÚBLICO se destina essas propagandas?

A1:[[aos homem...porque quem bebe é eles...

A2: professora... essa mulher só é...pra chamar atenção mesmo...porque sabe que eles não podem ver mulher...

Nesta aula, podemos notar que os alunos interagem um pouco mais em relação à leitura do texto, apesar de somente dois alunos se manifestarem (A1 e A2), o que também era comum nas aulas observadas na série anterior. No entanto, podemos perceber que os discentes, diante de um texto que lhe chamava atenção ficaram mais participativos. Perguntas como: “*POR que essas mulheres estão aí?.. e por que logo mulher nessas imagens de bebidas*”? Fazem com que os alunos relacionem o que apresentado na materialidade linguística com uma exterioridade. Nesse sentido, percebemos a importância de um trabalho a partir de uma concepção discursiva de leitura, pois poderá possibilitar que os alunos sejam capazes de formular possíveis leituras articulando com o contexto sócio-histórico e ideológico.

Fica evidente que os alunos não se arriscam no dizer: “*oh professora...sei não*”! E afirmam que a posição do colega está correta, é como se cada um tivesse a sua vez de falar e ninguém pudesse interferir na fala do outro, apenas ao docente é dado esse poder de confirmar ou negar o que é dito. A partir desse anúncio, os alunos acionaram sua memória discursiva para que assim pudessem interpretar os efeitos de sentidos através do dito e não-dito e os valores ideológicos causadores de efeitos de sentidos nos enunciados proferidos.

CONCEITOS FINAIS

A partir do que foi trabalhado em sala, podemos notar que as aulas de leitura os alunos ainda estão baseadas na concepção estruturalista abordada por Coaracini (2010). Dessa forma se fecha o pensamento dos alunos para interpretação acerca de sal realidade, porque temos melhor desenvolvimento e participação da turma quando levamos para sala de aula textos que estavam relacionados com sua vivência dos e que possam expressar o seu pensar, e notamos isso nas aulas de leitura tiveram melhor desenvolvimento e participação da turma quando levamos para sala de aula textos que estavam relacionados com

a vivência dos alunos, nos quais eles podiam expressar o seu pensar, como nos textos imagéticos.

Por fim, consideramos imprescindível que o professor seja mediador de conhecimento e da troca de informações em sala de aula, não apenas aplicando uma metodologia baseada na imposição, dominação. Desse modo, estará proporcionando que o aluno seja capaz de desenvolver um olhar mais crítico acerca dos discursos que circulam em seu meio social, tornando-se um sujeito produtor de sentidos, não mero reproduzidor de vontades de verdades que a escola, enquanto instituição doutrinária determina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORACINI, M. J. R. F. **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira.** 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

FERNANDES, Cleudemar Alves. (2007). **Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias.** 2 ed. São Carlos: Clara Luz, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia.** São Paulo: Ática, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GRIGOLETO, Marisa. A concepção de texto e de leitura do aluno de 1º e 2º graus e o desenvolvimento da consciência crítica. In: CORACINI, Maria José (org.) *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira.* 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002, p. 85- 101.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008a.